



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Búlhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Falha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Garcia da Orta e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas;—*A elegante caritativa*, conto, por Daniel Darc;—*O Simplicio*, conto, por José Maria da Costa;—*Os excéntricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*No Algarve (Villa Real)*, por Lorjô Tavares.—*As nossas gravuras*;—*Unica*, soneto, por J. Lemos;—*Lili*, conto, por Eduardo Sequeira;—*Em familia (Passalempo)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS:—*Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo*;—*O Cabo Norte*;—*No aprisco*;—*Rezando*;—*Arco grande, em Lisboa*.

CHRONICA

Emfim!

Por muito que a noticia os tenha surpreendido, a verdade, meus senhores, é que, pelas 6 horas da manhã do dia 4 do corrente, enquanto a leste o sol radioso nos entrava em casa, sahia pela barra fóra uma elegante corveta que, pelos modos, se affigurava dignissima representante de uma especie aquatica já hoje rara na superficie do globo, e que foi n'outro tempo conhecida pela designação pomposa de—*Armada Portugueza*.

Peço-lhes pois o favor de não recrearem cousa alguma pelo futuro provavel do nosso esquipatico dominio n'essa vasta região de Moçambique,



DR. LOURENÇO D'ALMEIDA AZEVEDO

onde vegeta um Gungunhama temível, á sombra protectora das pantomimas d'alem-mar.

Trinta mil watuas, Deus me perdôe, está-me parecendo muito preto junto. N'esta medonha somma, entram de certo as pretas, que, postas em pé de guerra, podem realmente produzir, n'um tempo determinado, uma verdadeira alluvião de filhos de paes incognitos.

Em todo o caso, a esta hora vae pelo Atlantico abaixo a poderosa *Affonso de Albuquerque*, cuja presença na costa oriental da pretalhada ha-de bastar para os fazer voltar as costas.

Levou seu tempo, mas afinal resolveu se, e quando muito, na viagem, pode gastar quarenta e tantos dias.

Verdade seja que, para a emancipação de uma colonia importante, bastam vinte e quatro horas e um bom governador geral. Porém no caso presente não parece que haja muitissima razão para que a *Affonso de Albuquerque* se apresse em demasia. E' conveniente mesmo que faça rumo pelo Cabo da Bôa-Esperança, porque tambem bôa esperança temos todos nós de que os seus serviços não venham a sêr indispensaveis.

Trinta mil watuas! Desgraçada gente! Porque afinal a *Affonso de Albuquerque* leva a seu bordo, em condições de desembarque, nem mais nem menos de setenta homens. Bem calculado, vem a cabêr um branco a cada quatrocentos vinte e oito pretos e meio, admittindo ainda assim que n'estas operações seja licito despresar centessimos de preto.

Notando que a nossa raça não é precisamente das mais abastecidas de gordura, e dada a hypothese provavel de que os watuas sejam anthropophagos, é evidente que os miseros revoltados vem a rendêr-se pela fome.

A corveta, de mais a mais, segundo creio, leva ordens expressas para, em ultimo caso, não fazer mal a ninguem.

Trinta mil watuas! D'esta é que eu não posso esquecer-me.

E faço uma perfeita idéa do que isso deva sêr, desde que assisti no Colyseu á exposiçãõ dos trabalhos da *troupe* africana. Os excentricos artistas não se apresentam, de certo, em numero inferior áquelle, e, se não são watuas, são, pelo menos, uns grandissimos telhudos.

Alguns, d'entre elles, tinham já idade para ter juizo, mas o que é certo é que fazem coisas que preoccupariam devéras os frequentadores do circo, se lá não houvesse tambem aquella esplendida Perina, por quem já bebem os ares, inclusivamente, um grande numero de pessoas a quem estas bebidas podem causar estragos.

Eu, digo-o francamente, não desgosto da bebida. E afinal, ninguem de certo afirma que me não vá bem este pequeno symptoma de bom gosto.

Aquella capa, aquelles olhos... Que *salero!* Que Perina!

Creio piedosamente que tenho inutilisado, com frioleiras, um espaço muito sensível. Oxalá que fosse mais, caso em que bastava agora que eu escevesse menos.

Podia ainda fallar-lhes da invernia que inopinadamente cahiu sobre Lisboa, arrancando aos devotos de S. Martinho as regalias que esperavam do legendario verão do seu patrono. A realidade, porém, falla melhor do que eu.

Podia tambem curvar-me em cumprimentos á Theodorini, que os apreciadores de canto consideram muito bem dotada, não só de recursos vocaes, como de varios outros recursos a cuja influencia ninguem foge, por muito lyrico que seja. Mas eu não quero de mod o algum travar relações com a Theodorini, porque receio muito apaixonar-me por ella, o que daria em resultado... Ora adeus! Eu sei lá o que isso dava em resultado!

Tenho um assumpto novo, tenho um assumpto bom.

Vou referir-me a um livro que, dentro em pouco, deve ser anciosamente procurado por quantos se interessam pela nossa litteratura, e que vae decerto prestar-me, no fim da chronica, um ou dois trechos que contrapesem esta pacata prosa, em cujo fecho o leitor ha-de encontrar a sempre patusca aldraba do meu nome.

Idyllios dos reis.

Não vá ninguem suppôr, pelo titulo, que eu venha aqui jorrar uma injeccão de petroleo. Trata-se de uma collecção de poemetos, onde, com a verdade historica, desfilam sem exaggeros repugnantes de realismo um certo numero de paixões mais ou menos profundas, mais ou menos galantes, d'entre as muitas que atravez o tempo e atravez o espaço nos demonstram que tambem é vulneravel o coração dos monarchas.

E' um livro onde se aprende a Historia, e onde se aprende o Amor.

O Amor principalmente. Não porque o livro seja obscuro no que tem de historico, mas simplesmente porque é diaphano no que tem de poetico.

E o auctor comtudo, n'um prologo delicadissimo, diz-se inclinado já para o logar do horisonte, aonde, enlanguecido e triste, o sol da vida mergulha na profunda de um mar tranquillo mas gelado. E, como razão de sêr d'aquellas paginas, dá elle, já não os seus amores mas os amores alheios, que, reflectidos nos corações dos personagens, ainda aquecem o coração do poeta!

O auctor procura por este modo convencer-nos que está velho. Aproveito a occasião para declarar terminantemente que acredito tanto n'aquella velhice prematura, como na mocidade serodia da minha tia que ha seguramente dez annos anda a fazer vinte e nove.

Attribuindo o character sombrio de D. João III ao desengano que este principe soffrera vendo casar seu pae com a noiva que elle proprio, D. Manuel, lhe havia destinado, insere o poema os seguintes deliciosos versos:

Assim como anoitece lentamente
E vão descendo as sombras uma a uma,
O coração do principe, dolente,
Foi-se fechando n'uma espessa bruma.
Assim como anoitece lentamente...

Resumindo no apertado espaço de um soneto a loucura de Joanna a Douda, que percorria as aldêas, acompanhando o cadaver do seu amado Philippe, que teimava em não dar á sepultura, conta o poeta:

Louca a rainha, o corpo inanimado
Do que a morte roubou dilecto esposo
Passeia-o sobre o côche luctuoso,
Seguindo-o n'um silencio concentrado.

Quêl-o por sua mão ter perfumado,
Cobre-o de beijos n'um estranho gozo,
Não tem outro cuidar, não tem repouso,
Senão o de ir amando o seu amado.

Cheio de assombro o povo reverente
Chora vendo passar longo e sombrio
Esse triste cortejo lentamente.

Mas a louca sorri quando procura
Acalentar do rei o corpo frio
N'um idyllio de amor e de loucura.

Em toda a obra, como nos dois trechos que ahi ficam, predomina o verso claro e profundo, em que a abundancia de concepção dispensa a excessiva gymnastica da forma, que tantas vezes arrasta as composições poeticas á consistencia da estopada.

De resto, o livro abre com um prologo de Camillo Castello Branco, o que é bastante recommendação para lhe garantir o successo.

O auctor, todos o sabem, chama-se Alberto Pimentel, cuja clemencia implora.

GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO

VI

Terminemos este estudo acompanhando o sr. conde de Ficalho no estudo dos *Colloquios*, o livro celebre de Garcia da Orta. Não se recommenda o livro pelas bellezas do estylo. Garcia da Orta está muito longe de ser um escriptor. Mas o que o torna sobretudo notavel, o que o fez classico por assim dizer na sciencia européa, o que lhe rendeu as muitas traducções e as repetidas edições que teve, foi o ser um livro de experiencia, um livro de observação. Garcia da Orta, como o sr. conde de Ficalho diz muito bem, não imaginou que fundára a sciencia experimental, que fizera uma innovação importante. Pelo contrario, quasi que pede desculpa aos seus leitores de affirmar o que affirma. Confessa que, se estivesse em Lisboa ou em Salamanca, não ousaria contradizer Dioscorides; mas está na India, está vendo a cada instante a planta da pimenta, a planta da canella, e realmente não lhe soffre o animo deixar de affirmar que Dioscorides e os outros botanicos da antiguidade nada sabiam a respeito d'essas plantas.

E' assim que elle vai destruindo muitas idéas erradas, e o que dá importancia ás suas obras é que os outros communicavam muitas vezes ao publico as suas observações, mas, como não conheciam os livros dos homens de sciencia, não sabiam pôr em confronto as suas observações com as descripções erradas que passavam na sciencia em julgado, e entre as observações de um viajante ignorante e as palavras de um sabio, muitas vezes era pelo sabio que ainda o mundo scientifico optava.

Com Garcia da Orta não succedia a mesma coisa. Esse tinha authority scientifica, e as suas observações e reparos não podiam deixar de ser acolhidos como o foram com applauso e attenção.

Mas a parte realment³ interessante e curiosa dos *Colloquios* é sem duvida alguma aquella em que Garcia da Orta se occupa do *cholera morbus*. Hoje a ninguem offerece duvida o facto incontestavel de ter sido Garcia da Orta o primeiro medico europeu que estudou e tornou conhecido o cholera-morbus asiatico, apontando-lhe com rara precisão o diagnostico e a therapeutica. Por muito tempo se attribuiu essa gloria ao medico hollandez Bontius, sem se reparar que Bontius não era mais do que o traductor de Garcia da Orta. Na conferencia internacional que se celebrou em Constantinopla, em 1866 ou 1867, para se tratar de varias questões relativas ao cholera-morbus, o delegado portuguez, o dr. Bernardino Antonio Gomes, pai do actual ministro dos negocios estrangeiros, levantou a sua voz authorisada para reivindicar para o nosso paiz essa gloria de que andava esbulhado.

O estudo das observações de Garcia da Orta e a sua confrontação com as observações modernas é talvez uma das partes magistraes da obra do sr. conde de Ficalho, que declara ter sido auxiliado n'essas investigações pelo illustre medico, o sr. dr. Eduardo de Abreu, que fizera d'essa doença um estudo muito especial n'uma viagem scientifica a Hespanha, na occasião em que alli grassava o cholera.

O colloquio em que Garcia da Orta falla d'esta doença é o colloquio chamado do *costo*. Devemos dizer, antes de proseguir, que os dois interlocutores dos colloquios de Garcia da Orta são Orta e Ruano, e observa o sr. conde de Ficalho com muita finura que são estes dois personagens como que as duas individualidades que existem no proprio Garcia da Orta. Ruano, é o Garcia da Orta, discipulo de Alcalá e de Salamanca, o erudito, o respeitador de Dioscorides e de Galieno, Orta é o Garcia da Orta amigo de Nizam-el-Mulk e de Martim Affonso de Sousa, physico-mór da India e viajante sbservador. Orta é quem apresenta os resultados da sua propria experiencia. Ruano é quem expõe os textos dos antigos sabios.

O colloquio do *costo* corre pois, como de costume, entre Orta e Ruano. Orta é chamado para acudir a um fidalgo, D. Jeronymo, que está muito doente de morxi. Pelo caminho Orta vai explicando a Ruano que, segundo a linguagem scientifica, o morxi é a *colerica passio*.

Cá temos pois a ou o cholera-morbus.

Gaspar Correia, que, apesar de não ser medico, tambem conhecia admiravelmente a doença, conta uma epidemia que houve em Goa no tempo de Martim Affonso de Sousa, e a que chamava epidemia de *moryxy*. O *moryxy*, diz Gaspar Correia citado pelo sr. conde de Ficalho «tem as substancias de forte peçonha, a saber d'arrevessar, e beber muita agua com desecamento de estomago e cambra que lhe encolhe os nervos das curvas, e nas palmas dos pés, com taes dores que todo o enfermo ficava passado de morte, e os olhos quebrados e as unhas das mãos e dos pés pretas e encolhidas.»

Durante essa epidemia, a mortalidade foi tal, que Martim Affonso de Sousa deu ordem para que não houvesse toques de sino que aterravam a população, e foi necessario augmentar o numero das freguezias, porque os clerigos não chegavam já para acudir aos moribundos. Martim Affonso de Sousa, desejoso que

essa doença fosse estudada scientificamente mandou, que todos os medicos se reunissem para fazerem a autopsia a um homem que morrera no hospital. A autopsia não deu a descoberta do microbio, e apenas os mestres disseram «que a doença dava no buxo.» phrase que, por não ter palavra de derivação grega, nem aspecto moderno, basta para que os nossos eruditos contemporaneos classifiquem de pedaços d'asnos os medicos de Martim Affonso de Sousa.

Pois, se seguirmos a descripção de Gaspar Correia, vemos com surpresa que esses medicos portuguezes do seculo XVI sabiam lutar tão bem com o cholera como os nossos medicos actuaes. Orta diz a Ruano que o *morxi* ou *moryxi* é uma doença que tambem existe na Europa, mas que na India é muito mais aguda, matando em vinte e quatro horas, ás vezes em dez, e ás vezes deixando viver o doente alguns dias. Assim Garcia da Orta distingue o *cholera asiatico* do *cholera nos'ras*, já conhecido de Hippocrates. Depois aponta os symptomas, e dizem os medicos de agora se teem alguma coisa que emendar n'esta diagnose «O pulso tem muito sumerso que poucas vezes se sente, muito frio com algum suor tambem frio, queixa-se de grande incenlio, clamosa sede, os olhos são muito sumidos, não podem dormir, arvezam e saem muito até que a virtude é tão fraca que não pode expellir coisa alguma, tem caimbras nas pernas.» Fallando com Ruano, vai-lhe ainda Orta dizendo que o abatimento dos doentes do *moryxi* é enorme, e accrescenta «vi muitos doentes de peste, e não tem a virtude tão derrubada.»

Chegando ao pé de D. Jeronymo, Orta informa-se do que elle jantou, e sabe que comeu peixe de diversas maneiras, arroz de leite, e *alguns p'pinos*. Como se vê, este D. Jeronymo, se quizesse ter o cholera de proposito, não podia proceder de outra forma. Sabendo isso, que bastava para lhe tirar todas as duvidas se por acaso as tivesse, exclama Orta. «Isto não padece tardança.»

Diz com muita razão o sr. conde de Ficalho que esta phrase revela quanto Garcia da Orta conhecia perfeitamente a doença, porque effectivamente é hoje ainda a primeira regra do combate contra o cholera, ataca-o sem demora, e com toda a metralha. Ainda, ao ir-se embora, Orta repete que é necessario acudir sem demora a esta doença, porque, dizendo aos criados de D. Jeronymo que o previnam logo se houver qualquer novidade, accrescenta: «n'esta enfermidade não ha de haver descuido no medico, nem nos servidores do enfermo.»

O tratamento é, como vão ver, o tratamento moderno. Mandou accender fogareiros para lhe aquecerem o corpo, e esfregarem-n'o com pannos asperos, e untarem-n'o com oleos quentes pela nuca e espinhaço todo e cauterisarem-lhe os pés com ferros quentes.

Este ultimo expediente é que não faz hoje parte do tratamento ordinario do cholera, mas diz o sr. conde de Ficalho, citando Velleix, que «se tem recorrido moderadamente á cauterisação epigastrica, ou á cauterisação das goteiras vertebraes com ferros em braza.»

Não para n'isto porém Garcia da Orta, e receita para D. Jeronymo um vomitorio, tratamento empregado tambem modernamente por medicos como Trousseau, Grisole, Spayer, Glover e outros.

Voltando para casa com Ruano, vai-lhe citando os nomes, do que hoje diriamos os especificos do cholera, ou, como elle diz, as mésinhas particulares experimentadas.

Cita a *triaga*, e as varias *triagas* ou *theriacas*, empregadas por Orta teem todas uma base de opio. Ora as diferentes composições opiadas, e entre outras o *laudanum de Sydenham*, são dos remedios mais empregados hoje contra o cholera.

Cita o *pru de cobra*. Pertencendo o *pru de cobra*, como o sr. conde de Ficalho suppõe, ao genero *strychnos*, ahí vamos cair nos medicamentos de strychnina, hoje adoptados.

Garcia da Orta conhece pois admiravelmente a doença, conhece-lhe o character venenoso. Descreve mais especialmente o «morxi secco», ou o «cholera secco», hoje bem conhecido ainda, considerado por Jacoud a mais alta expressão do envenenamento choleric, e que foi talvez o cholera de Hespanha no anno passado.

«Resumindo o que levamos dito, escreve o sr. conde de Ficalho, vemos Garcia da Orta observando e descrevendo com pericia o cholera-morbus asiatico, distinguindo-o bem da forma leve da Europa, notando a variedade grave do cholera secco, reconhecendo a necessidade de não perder um momento em combater o ataque, prescrevendo uma medicação externa seguida hoje por todos os clinicos nos seus traços geraes, soccorrendo-se a uma medicação interna, na qual entra um medicamento opiado — a triaga. Tudo isto é simples, rasoavel, bem observado, exposto com lucidez, e sufficiente para estabelecer sobre uma base segura a reputação medica do nosso compatriota.»

Podiamos ir ainda mais adiante, expondo as observações feitas pelo sr. conde de Ficalho acerca das observações botanicas de Garcia da Orta, mas parece-nos que já temos dado aos nossos leitores uma larga idéa do livro, e que ao mesmo tempo lhe temos exposto muitos factos curiosos do nosso dominio na India.

Ah! se o mesmo estudo que o sr. conde de Ficalho consagrou a Garcia da Orta tivesse sido consagrado a tantos outros escriptores portuguezes que no seculo XVI investigaram, desco-

briram, e narraram á Europa esse mysterioso Oriente, nós veríamos se ainda os estrangeiros, e mais do que os estrangeiros, os ignorantes criticos nacionaes, ousariam dizer que não presidiu um espirito scientifico ás explorações portuguezas. O que é necessario para isso é confrontar a viagem dos jesuitas com as viagens modernas, os seus estudos philologicos sobre as linguas do Oriente com os modernos estudos philologicos. Teremos então surpresas como as que nos fez o sr. conde de Ficalho, n'este seu admiravel livro, mostrando-nos Garcia da Orta a diagnosticar e a tratar o cholera-morbus como o diagnosticaria e trataria um medico moderno.

PINHEIRO CHAGAS.

A ELEGANTE CARITATIVA

Cada paiz possui o seu flagello:

O deserto tem o simoun, a India e a Persia o cholera, a Asia-Menor a peste de Alepe, a Arabia a morpheia, a Russia o nihilismo, a Suissa os estalajadeiros, a Italia accumula a malaria com os *touristes*, a Hespanha tem a bicharia, immortalisada por Murillo, Constantinopla o opio, a Inglaterra o gin, a França os politicos e Paris:—a elegante caritativa.

Ora é possivel, com um bocadinho de sorte ou de prudencia, evitar o cholera ou escapar d'elle. Muita gente tem vivido na Russia sem ser incommodada pelos nihilistas; o simoun tem occasiões de descanço; o sulfato de quinina combate a malaria; e nada vos obriga, emfim, a fazer-vos esfolar em vida pelos guardadores de gado de Oberland e pelas pastoras de Appenzell.—Ha pós magnificos contra os insectos indiscretos; podeis, se quizerdes, fugir ás reuniões publicas, não beber gin, e não ler dos jornaes senão a quarta pagina, onde se celebram os meritos pacificos dos antibolbos ou os efeitos emolientes da doce Révalessière.

Mas nem pela força, nem pela astucia, nem pela abstenção, podereis escapar á elegante caritativa!

Em toda a parte, na igreja ou nos bailes publicos, a todos os momentos, quer se trate de um anniversario glorioso ou de um lucto patriotico, ella lá está, ora visivel, ora occulta, espiando as suas victimas, contando-as, seguindo-as, cercando-as; sempre prompta a arremetter, a agarral-as e a pedir-lhes; «a caridade ou a vida...» Encontra-se nas antecamaras dos ministros, esperando uma audiencia, que acaba sempre por obter; nos gabinetes todos a conhecem, e chega iufallivelmente a alcançar para um seu protegido o logar ou a mercê, já recusada a vinte nas condições d'elle e com mais merito. Circula, como na sua casa, nos labirintos administrativos, temida pelos empregados e pelos chefes, porque ella é em geral muito bem aparentada; conhece a terra e o ceu e nunca esquece os que alguma vez lhe mostraram má cara.

A elegante caritativa goza immuniades particulares; tudo lhe é permitido, e não é sómente nos salões mundanos onde ella exerce com rigor a sua perigosa industria. Os logares mais reconditos recebem a sua visita. O proprio domicilio dos celibatarios não está ao abrigo da sua audaciosa caridade. A excellencia do fim a que se propõe justifica os meios, na apparencia mais contestaveis!

Antigamente, ainda era muito facil conhecê-la:—quasi sempre, uma mulher de cabello branco ou grisalho, vestida com a austera simplicidade d'uma *Quaker*; a sua gravidade, os seus passos beatificos compassados advertiam de longe as pessoas experientes que davam meia volta, ou se viam livres d'ella com uma insignificante offerta.

Hoje não ha meio de as reconhecer. Seguimos na rua uma lourasita pintada, vestida de cores garridas, sobraçando um cãosinho havano. A temeridade do seu andar, o perfume activo que lhe dá uma especie de rastro adorifero, tudo nos faz suppor que estamos em frente de uma d'estas livres conquistadoras que não detestam o imprevisto. Segredamos-lhe umas propostas lisongeiras, com as quaes não parece ficar muito zangada, insistimos, ella sorri, e, sem precisamente dar o seu consentimento, não nos prohibe de seguirmos o mesmo caminho que ella segue.

Nós resolvemo-nos. A conversação, depois de ter sido apenas um monologo, começa a tornar-se interessante. Ella tem resposta prompta e mostra, sobre tudo, um sorrisinho que nos fascina completamente. De repente, para em frente de um bonito palacio dos arredores do parque Monceau. Ficamos admirados. Evidentemente, a nossa conquista não é a de a uma mulher qualquer. Deve estar sob a protecção de algum nababo, talvez de um príncipe! Ha tantos desoccupados n'este momento!

Entra, e não mostra nenhum espanto da ousadia que tive-

mos de transpôr o portão de ferro, que se fecha lentamente e sobe uma escada coberta de magnifica tapessaria, cheia de flôres. Subimos atraz d'ella, abafando na felpa dos tapetes o ruido dos passos. Abre uma porta, depois outra, e nós seguimol'a. Sem dizer palavra, sorrindo sempre, dirige-se para um pesado resposteiro cahido, e ahi, como indecisa, para um segundo! Muito animados, avançamos para nos aproximarmos mais d'ella.

Como por encanto, o reposteiro corre, e achamo-nos no meio de uma assembléa de mulheres, muito atarefadas a coser enxovaes, enquanto que uma d'ellas lê em voz alta o ultimo romance de Pierre Loti. Estupefacto, e não comprehendendo ainda todo o alcance da nossa imprudencia, deligenciamos instinctivamente bater em retirada; mas a desconhecida hospitaleira não nos dá tempo;—e designando-nos com um gesto gracioso:

—Minhas senhoras, apresento-vos um novo bemfeitor da nossa obra, que mostrou desejos de vos trazer pessoalmente a sua offerta!...

Desde a primeira palavra, as senhoras, que estavam cosendo levantam simultaneamente o nariz;—quinze ou vinte pares de olhos miram-nos com curiosidade, e n'esse numero, oh! estão algumas que nos reconhecem.

Immediatamente uma voz exclama:

—Senhor Delieux?... Ah! como isso lhe fica bem! Dar-vos-ha felicidade!

E com um ar carinhoso, a presidente estende-nos um sacco com flôres de liz bordadas a ouro:

—Quem dá aos pobres empresta a Deus!...

Que fazer? confessar a nossa ousadia? Nem pensar n'isso. Só nos reste despejar no sorvedouro de velludo abençoado a nossa bolsa, fazendo voto, mas já um pouco tarde de desconfiarmos de ora avante das mulheres bonitas que trouxeram debaixo do braço um cãosinho havano!

DANIEL DARC.

O SIMPLICIO

O Simplicio era um respeitavel guarda-livros de 40 annos bem puxados. Vivia só com sua mãe, n'um delicioso *chalet*, nas proximidades da Penha de França.

Levava a vida egoista do solteirão, sem cuidados de familia, sem *babies* louros e traquinas trepando-lhe sobre os joelhos e dando-lhe muitas beijocas repenicadas em cheio entre a selva das suissas.

Um dia, a pobre velhinha que lhe queria como a filho unico, despediu-se d'este mundo, serenamente, como soem fazer as almas dos justos.

—Aquella está vestidinha e calçada no Paraizo! diziam as vizinhas abelhudas, que haviam aproveitado apressadamente a occasião de se introduzirem dentro de casa do Simplicio.

—Ah! Lá isso! Era boa senhora! affirmavam outras coscovilheiras da vizinhança.

Quando saiu o feretro, houve escandalo grosso. O filho acompanhou o enterro! Nunca se tinha visto tal na Penha de França.

—Aquillo é pedreiro livre! observavam as velhas, submergindo nas cavernosas ventas monstruosas pitadas de mazalipatão.

*
*
*

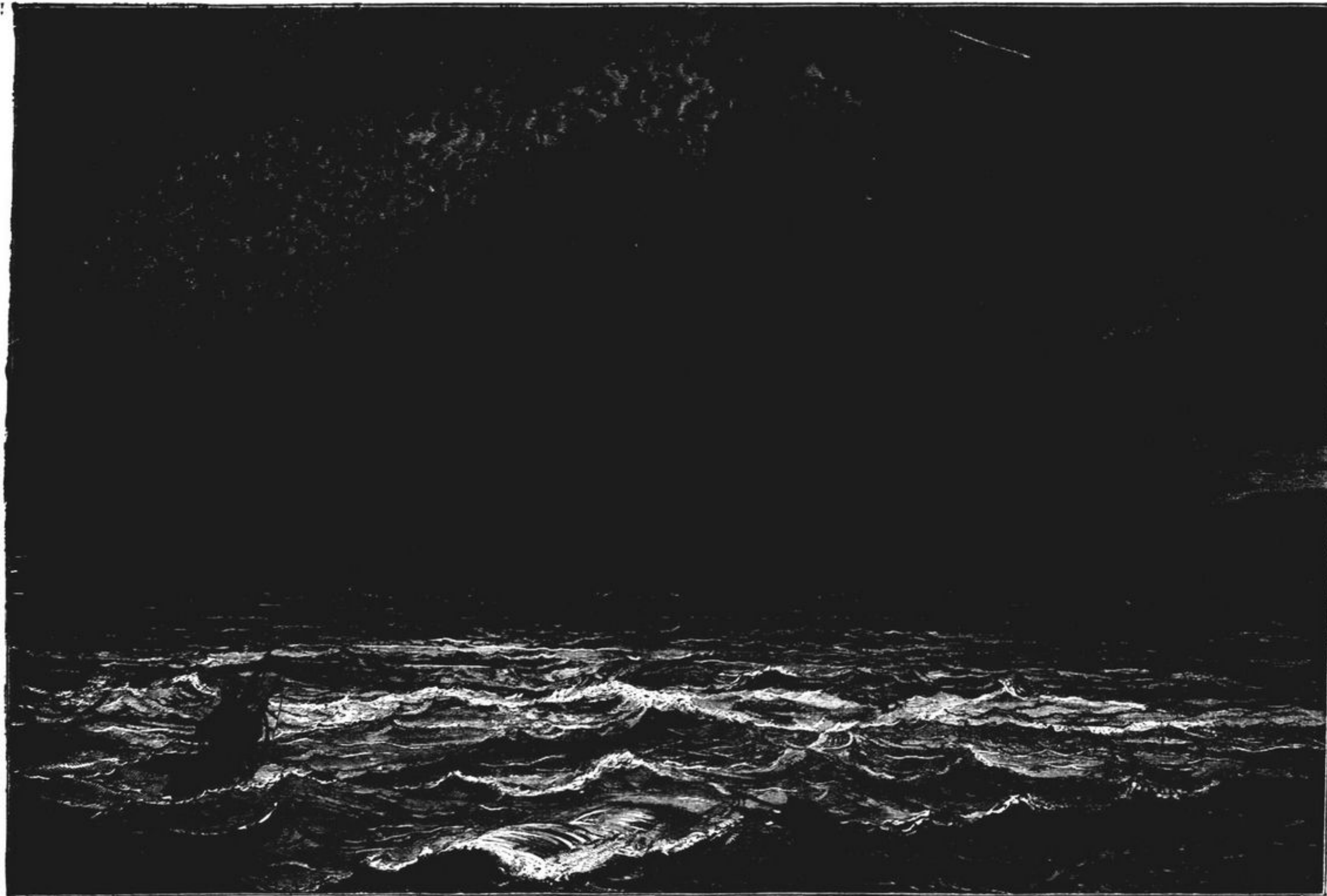
O Simplicio era de uma chronometrica pontualidade nos seus habitos, como de resto são quasi todos os solteirões.

A mãe, muito amante do filho, nunca deixava ao cuidado da creada, as mil e uma pequenas cousas respeitantes á mesa e á toilette d'aquelle. Quando elle regressava do theatro, era a mãe que estava á espera, de guarda ao chá e torradas, para não esfriarem por falta de abafó.

Sabendo quanto elle amava a ordem, velava para que jamais encontrasse, ao saltar da cama, o mais insignificante objecto fóra do seu logar.

As luvas, as gravatas, os collarinhos, as camisas estavam desde tempo immemoravel nas mesmas gavetas, e n'estas nos mesmos cantinhos. Podia o Simplicio ir tirar tudo com os olhos fechados.

Pois bem; toda esta suprema regularidade que era o seu encanto, desapareceu como um furacão, apenas tombou na rude batalha da vida a cuidadosa velhinha.



O CABO NORTE

A creada indifferente e mercenaria, como todas, só pensava em roubar para o seu pé de meia. Não se pôde dizer positivamente, que crescia a erva no sobrado, mas o desleixo ia além do que é permittido a uma creada de homem só.

Andava o Simplicio desgostoso e com gana de mandar a creada de presente ao diabo, quando um dia ao dar balanço á casa, viu com espanto que havia desaparecido em roupas, louças, crystaes, etc, um bom numero de objectos, que a creada descaradamente negava ter jamais visto em casa.

Pensou então pela primeira vez no casamento, e consultou-se theorica e praticamente.

O casamento na altura de 40 annos, dada a sua posição de guarda-livros e olhando a necessidade de regular o seu viver domestico, não podia deixar de ser pratico. Principiou pois a fazer a côrte a uma menina pobre mas bem educada, filha de um modesto funcionario publico, e teve a satisfação de ser attendido.

Não era o Simplicio um homem feio, mas era um homem grave.

A menina Julia, que assim se chamava a pequena, uma appetitosa morena de 25 annos, dotada de muita vivacidade de espirito e grandes olhos pretos, escaldada já com os 50 namoros que tinha tido, sem nenhum pegar, sem duvida pela ausencia de dote, escreveu logo na segunda carta ao Simplicio, as sacramentaes palavras das raparigas desesperadas com o receio de ficarem para tias: «Se é séria a sua pretensão, venha pedir-me ao papá. Enquanto não o fizer, não terei absoluta confiança no seu amor.»

* * *

Um dia, vestiu solemnemente a sua casaca o nosso caro Simplicio e foi pedir a Julia ao papá.

Foi um dia de medonho rebeldio em casa do modesto funcionario. Prevenido com antecedencia de 24 horas, da honrosa visita que ia receber, e vendo que não havia tempo a perder, mandou o filho mais novo á botica, comprar cinco tostões de benzina para desenodoar toda a familia, pois fazia tenção de apresentar já o noivo no dia seguinte, á sua gente. Não era muito correcto, mas tencionava tratá-lo familiarmente, dando um formidavel piparote no ceremonial.

Decorreram os mezes precisos para fazer o enxoval e findaram os prazos legaes para a cerimonia religiosa. Um bello dia, a Julia radiante, arrastando a sua longa *traine* de faille branca, apeou-se á porta do chalet da Penha de França, pelo braço do Simplicio, desde pela manhã seu marido. Atraz d'ella fechou a creada a porta e ouviu-se o estalido secco da portinhola da carruagem; pouco depois, o rodar do trem que se afastava e com elle todo o passado. Agora uma vida inteiramente nova ia desenvolver-se aos seus olhos.

No dia seguinte, o noivo, que tinha obtido folga de um dia, passou-o graciosamente entretido a mostrar todos os cantos da casa, todos os moveis, todo o jardim, á sua Julia, furtando-lhe beijos, ao som de ligeiros gritinhos dados por ella.

Ao mesmo tempo o Simplicio ia dizendo com os seus botões:

—Agora vou ter a casa arranjadinha. Não me vae faltar nada; nem mesmo as minhas torradas quentes e loirinhas quando recolher do theatro. Como deve ser bom! E as camisas! Nem será preciso ir tirá-las á gaveta. A Julia terá o cuidado de as pôr ao meu alcance, assim como os punhos, o collarinho e o fato escovado. Ia apostar em como me visto em menos de 15 minutos.

Pelo seu lado, a Julia, lançando um olhar investigador, de dona de casa, em roda de si, dizia para os seus colchetes:

—Credol! Aonde iria o Simplicio buscar esta horrivel boceta; e logo para as gravatas! E que extravagancia esta, de por as camisas n'esta gaveta, evidentemente destinada para outro fim. Heide mudar tudo isto. E que pessima disposição dos moveis! Nada! Não quero nada d'isto.

E no dia seguinte, enquanto Simplicio estava no escriptorio, ella mais a creada, reviraram a casa *de fond en comble*.

* * *

Apenas o guarda-livros bateu á porta, correu logo a Julia ao seu encontro, e travando-lhe de um braço, sem o deixar tomar folego, fel-o percorrer toda a casa. E fitava-o com os seus grandes olhos rasgados, esperando a todo o momento gosar a sua surpresa de ver tamanha mudança. Mas com grande admiracão, viu o semblante do marido torvar-se e sem que elle soltasse uma palavra.

Então, picada no seu orgulho, arrastou-o como uma ultima esperanza para o seu quarto e mostrou-lhe a nova collocacão que dera ás camisas, aos punhos, ao resto da roupa branca. As gravatas e as luvas haviam emigrado para uma elegante caixinha de charão, presente de noivado, toda perfumada e que se ostentava em cima da commoda. Todos os objectos de uso exclusivo do marido tinham sido mudados de logar.

Diante da linda caixinha de charão, a Julia não pôde conter-se e exclamou:

—Mudei-te para aqui, todas as tuas gravatas, luvas, joias. Está fechada, mas a chave fica n'esta gaveta. A boceta era muito feia.

E alongava o labio superior, desdenhosamente.

O Simplicio, saindo por fim, da sua mudez, observou:

—Era muito feia a boceta das gravatas, lá isso era. Mas, foi minha mãe quem m'a offereceu ha muitos annos, e quero-lhe muito, como uma recordação.

A Julia teve um calafrio.

O Simplicio, voltando-se então para ella, perguntou-lhe de chofre:

—O que fizeste d'ella?

A Julia tornou-se branca como panno. O marido teve um presentimento e carregou as sobancelhas. Foi um momento de anciedade indiscriptivel. Elle por fim, adivinhando, gritou com um accento de dor e desespero:

—Deitaste-a fóra?!...

A Julia, sem forças para responder, acenou que sim com a cabeça.

Pelos olhos de guarda-livros passou um relampago de colera: tornou-se vermelho como um tomate, mas conteve-se com um esforço visivel, e engatilhando um sorriso forçado, disse:

—Que lembrança a tua de mudar os meus habitos. Isto ha-de custar-me. Em fim, o que está feito, está feito.

A Julia tomou animo e affirmou que elle se havia de habituar.

* * *

No dia seguinte o Simplicio acordou tarde e olhando o relógio, desatou a correr pelo quarto para se vestir com rapidez. Era domingo e precisava mudar de roupa, pôr o seu melhor plastron, com a finete d'oiro. Na sua atrapalhação, não se lembra das mudanças operadas pela esposa. Procura nas antigas gavetas, remexe e nada encontra do que deseja. Furioso, dá com os olhos na caixinha de charão, negra como um preto do Congo e que parece espreatal-o ironicamente pelo olho unico da sua fechadura doirada. Corre para ella, tenta abri-la. Está fechada. Só então se recorda de que a Julia lhe entregou uma chave muito bonita, que elle guardou, não sabe onde. Desespera-se, ergue a caixa, sacode-a, e presa de irritação crescente, atira-a ao chão, transformando-a em cacos.

Ao estrondo, acode a esposa. Ao deparar com a mulher, o Simplicio sente a necessidade de desabafar e grita como um possesso:

—Minha senhora; deviam-lhe ter ensinado que o primeiro dever de uma esposa é respeitar os habitos e costumes de seu marido. Vivia ha 40 annos na melhor ordem. Desde que a senhora aqui entrou, não encontro nada nos seus logares respectivos. Procuro um objecto n'uma gaveta, encontro-o n'outra. Quero pôr uma grava, e a caixa está fechada. Toda a casa está revolvida. Isto é insupportavel. Por ventura obriguei-a eu a mudar os seus habitos? Fui remechar as suas gavetas?

E continua n'esta affinação, como quem reprehende um collegial.

A Julia escuta-o humildemente, chorando. Foram-se as suas illusões de dona de casa absoluta. Comprehende afinal, que não é ali, senão disfarçadamente uma governante; que tem de se sujeitar e que não é facil dominar os habitos longamente adquiridos de um solteirão.

O Simplicio sae bruscanente, depois de vestido; cheio de gravidade.

A Julia, vendo-se só, sente frio no coração. E' impotente para luctar. Do alto dos 40 annos do Simplicio, muita experiencia a contempla. Trata de pôr tudo á antiga, como encontrou quando entrou em casa. Uma boceta medonha, onde colloca as gravatas, vem substituir, dentro d'uma gaveta, a caixa de charão.

No dia seguinte, o Simplicio apercebe-se da mudança e fica commovido. A sua Julia é uma mulher de juizo, não ha que ver. Vae calorosamente agradecer-lhe. Ella tem uma phrase esmagadora, que denota ser apparente a sua resignação.

—Ah! não tens que agradecer. Guiei-me pelo teu bom gosto...

Pobre Simplicio.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O maestro Casimiro

Conheci-o como os meus dedos. Era isto a que o vulgo chama um philosopho, vestindo desalinhadamente, desconhecendo o uso do pente do alisar, caprichando... em não ter capricho no aceio. Insaciavel tomador de rapé, para poder a tempo accudir ao



NO APRISCO

pingo que lhe enodoava a camisa, era debaixo do sovaco do braço, em substituição da algibeira, que elle accomodava um enorme lenço de panninho encarnado, em que recolhia as fluxões permanentes de um nariz rubro e abatado.

Quem visse pela primeira vez o maestro Casimiro, tomal-o-ia por um professor de latim, sabendo de cór o seu Eutropio, á força de o ouvir traduzir aos rapazes, ou então por um procurador de causas, desorientado com a sentença de um juiz de primeira instancia contra o seu cliente; tão desordenados eram os seus movimentos, incerto o seu olhar, sardonico o seu sorriso. Modesto no trato particular, e sem demasias de orgulho no exercicio da sua profissão, elle, o maestro, não só festejado, mas respeitado pelos seus collegas, quando eu mais de perto o conheci, e tratei, tocava des preocupadamente timbales na orchestra do theatro de D. Maria II

O contraste entre as duas manifestações da arte musical—maestro e timbaleiro—dão desde logo a medida da originalidade do caracter do homem que, ao findarem os espectaculos no theatro de D. Maria II, partia a pé para o Campo Grande, aonde por esse tempo residia, debaixo ás vezes de chuvas torrencias, sem mais agasalho do que um pobre chale-manta, e alguns meios quartilhos de vinho, bebidos sobre uma bôa caldeirada de lulas.

Pois o homem que assim levava vida tão de bohemio, tendo então já 52 annos feitos; e que descia das elevadas regiões da arte a tocar ingenuamente timbales n'uma orchestra de segunda ordem, tinha os seus arrancos intimos de orgulho, que ninguém lhe suspeitava, ouvindo-o fallar.

Foi só quando, em 1862, a «Federação» publicou a auto-biographia do distincto musico, que se soube ter o maestro Casimiro pensado por vezes no suicidio, por lhe haver o destino matado o coração, roubando-lhe as caricias de todos os entes que mais amara.

Filho de um copista de musica do real theatro de S. Carlos, Joaquim Casimiro nascera em 1808, n'uma pequena casa da rua dos Gallegos; começando aos seis annos a frequentar as aulas dos frades do Carmo e matriculando-se mais tarde na escola de musica da Sé Patriarchal.

Estas recordações da infancia ficaram profundamente gravadas na memoria do maestro, que se comprasia em louvar a paciencia do frade que lhe ensinara as primeiras lettras; e a competencia de um outro frade Paulista, que fôra seu professor de canto, e o habilitara a concorrer triumphantemente a um logar vago de cantor da real capella da Bemposta.

Foi quando os largos horisontes da arte assim se lhe desvendavam serenos e desanuveados, que se vio privado de mestre, e forçado a substituil-os pelos proprios esforços, compondo os coros para uma oratoria que se representou com applauso no theatro da rua dos Condes.

Um acaso da sua profissão de cantor, levou-o um dia ao hospicio dos frades da Carreira dos Cavallos, onde havia um órgão. Sem nunca ter posto as mãos em um semelhante instrumento, e para matar saudades do seu piano de Arthur, que deixara em casa, pediu licença aos frades para experimentar o órgão, e por tal arte o fez, que os frades nunca mais d'ahi por diante o dispensaram das suas festas, compondo a musica para algumas d'elias.

Passado tempo, tendo adoecido os dois organistas da real capella da Bemposta, e achando-se temporariamente o côro sem acompanhamento, o maestro Casimiro offereceu-se para os substituir, desobrigando-se a contento de um selecto auditorio da ousadia do seu commettimento.

Animado pelo resultado, de que se hade lembrar o intrepido organista? De se apresentar pessoalmente a el-rei D. João VI. Abro aqui um parenthesis, para recordar aos esquecidos, que a musica era a arte predilecta do monarcha, que annos depois levava para o Brazil um batalhão de cantores, fartamente retribuido, fazendo celebrar com grande pompa as festas religiosas no Rio de Janeiro, enquanto os francezes se entretinham piedosamente em espoliar Portugal.

El-rei D. João VI, que era um bom homem e um pessimo rei, entretinha-se da sua tribuna da capella da Bemposta a bisbilhotar dos merecimentos relativos dos seus cantores, e já trazia d'olho o joven Casimiro, quando este se resolveu a apresentar-se-lhe. Eis como o futuro maestro conta o caso: «Como eu visse que o sr. rei D. João VI se mostrava satisfeito com o meu serviço, e me honrava tratando-me com muita affabilidade, pedi-lhe que me mandasse ensinar pelo mestre de capella frei José de Santa Rita Marques. O sr. João VI levou a bondade a ponto de escrever de seu proprio punho a ordem em que assim o determinava.»

E' pena que se não tivesse conservado o authographo do monarcha, não só para a posteridade ficar possuindo mais um exemplar da sua empinada calligraphia, como para se revér na bisarria do acto do real Mecenaz.

Não há ninguém que ignore a elevada competencia artistica de frei José Marques, nem tão pouco a proficiencia do seu ensino. O seu discipulo o confessa agradecido, nas seguinte significativa confissão, que o honra a elle, e ao mestre de capella de D. João VI. «Comecei então a aprender com o sapientissimo frei José Marques, e n'esse dia principiou para mim uma nova epocha; a arte velu denunciar-me todos os erros das minhas defeituosas composições: á luz da sciencia vi claramente o tortuoso caminho

que havia trilhado, envergonhei-me de me ter julgado compositor, e fiz o firme proposito de apagar com o meu futuro todo o meu passado.»

Assim preparado, com solidos estudos, deixou-se ir Casimiro da corrente da sua nativa inspiração, compondo innumeradas peças de musica sacra, desde 1826 até 1832, tendo n'este intervallo obtido, por concurso, a effectividade do logar de organista da capella real, apesar dos manejos dos seus competidores.

Teem as autobiographias o merecimento, privativo do genero, de descerem ás minucias que a historia desdenha. Pelo que escreveu Casimiro ficamos sabendo que o sapientissimo frei José Marques era tambem um homem de *mau genio*, feição do seu character em desacordo com a mansidão que devêra ser apanagio do seu estado, e com a influencia que, desde os tempos mythologicos, se diz que a musica exerce até sobre os selvagens.

Segundo a propria declaração do maestro, compoz elle noventa e sete peças de musica sacra, ou propria de igreja, e duzentas e nove partituras de musica para dramas, oratorias, magicas, comedias e farças!

Não somos juiz competente no assumpto, mas parece-nos que o sr. Joaquim de Vasconcellos foi severo em demasia no que escreveu ácerca do maestro Casimiro, no seu livro os «Musicos Portuguezes»; pelo menos é essa a opinião que quasi unanimemente tenho ouvido manifestar aos mais conceituados professores de musica, sem quereremos, como um seu exaltado panegyrista, comparal-o a Mozart!

Ainda hoje nas grandes festividades religiosas, são apreciadas as composições do maestro Casimiro, sendo entre ellas as mais notaveis, e as que o proprio auctor avantajava ás demais, as matinas da Conceição, a missa chamada da Arruda, os officios que escreveu para a Cathedral, e um *Stabat-Mater*, a tres vozes, sempre ouvido com profundo recolhimento.

Conscio da propria valia, e doído dos acanhados proventos que sempre tirára da sua dedicação á arte, é a consciencia que se lhe abre em um momento de intima expansão para, fallando das suas composições dizer: «Logo-as á posteridade que saberá devidamente apreciar as quando eu já não existir.»

Este appellação dolorosa para a posteridade, bem a podia fazer quem affirmava, que trabalhara sempre para a gloria e engrandecimento da sua arte, orgulhando-se ainda com a solemne declaração de que fôra sempre leal aos seus principios politicos e firme nas suas crenças religiosas.

Com effeito a antiga convivencia com os frades, que a tantos, e com justificada razão amorteceram as crenças religiosas, fortificaram a fé do maestro Casimiro; como o agasalho que recebera d'el-rei D. João VI, o fizera pender para o absolutismo, vendo: e por este facto obrigado a imigrar em 1834, para só regressar ao reino em 1837. Ainda em 1860, vinte e tres annos decorridos depois da sua voluntaria expatriação, se queixava o maestro «do cataclysmo politico que invertera todas as coisas do nosso paiz» attribuindo-lhe a decadencia da arte, o que era uma sem razão de partidario ferido nas suas aspirações.

O que nos parece engano do maestro é requerer elle para si a paternidade do que chama o *couplet* portuguez. *que até então não existia*, e que no nosso entender, ainda agora não existe, por que não basta o baptismo para naturalisar qualquer forma d'arte que tenha, como o *couplet* um cunho especial de nacionalidade.

O maestro Casimiro termina a sua curta biographia escripta a 10 de março de 1860, da seguinte maneira:

«Na minha vida publica muita gloria conquistada á custa de um sem numero de vigalias, e poucos e mesquinhos interesses; na minha vida privada tristesa e desgosto.»

Foi pouco tempo antes d'esta dilacerante declaração que eu conheci o maestro Casimiro, aparentemente despreocupado, e tido geralmente na conta de um bom *vivant*, de um poeta, na accepção desconsoladora em que era tida esta palavra no seculo passado!

Que fundo al-yismo é ás vezes o coração de quem pensa! O homem que o vulgo se costurára a julgar como um leviano, escrevia: «Hoje só tinha a alma para soffrer, e a cabeça para meditar; não é a primeira vez que penso no suicidio!»

Apesar d'estas intimas torturas, o maestro Casimiro ainda viveu mais dois annos, vindo a fallecer a 28 de novembro de 1862, apenas com 54 annos de idade.

Quem hoje, por piedoso dever de amizade, ou por simples curiosidade entrar no cemiterio oriental, topará com um modesto tumulo, e n'elle a seguinte despretençiosa inscripção:

JAZIGO
DE
JOAQUIM CASIMIRO JUNIOR
INSIGNE COMPOSITOR E MESTRE DA CAPELLA
DA SÉ PATRIARCHAL.
NASCEU EM 30 DE MAIO DE 1808,
E FALLECEU EM 18 DE DEZEMBRO DE 1862.
O SEU VERDADEIRO AMIGO
JOSÉ MARIA CHRYSTIANO
LHE MANDOU ERIGIR ESTE JAZIGO
COM O PRODUCTO DE UMA SUBSCRIPÇÃO
FEITA ENTRE ALGUNS PROFESSORES DE MUSICA

E ADMIRADORES DO FINADO.
LISBOA, 25 DE AGOSTO DE 1864

Sem jurarmos que esta seja, como devêra, uma verdadeira inscripção lapidar, diz ella o sufficiente para que se saiba que o maestro Casimiro deixou um verdadeiro amigo a honrar-lhe a memoria, e que os seus collegas musicos se associaram ao seu desinteressado preito de admiração e saudade.

O sr. José Maria Christiano, que ainda hoje vive, é um sympathico octagenário, que foi durante muitos annos primeiro rebecca da orchestra do theatro do D. Maria II, sem que a sua profissão de musico lhe fosse obstaculo a tomar parte activa e constante nas luctas politicas de 1846 e 1847, tornando-se notavel pelas suas profundas convicções liberaes, e pela sua bravura nos campos de batalha.

O maestro Casimiro deixou, quo nós saibamos, duas filhas, sendo uma d'ellas a sr.^a D. Angelina Vidal, a fogosa republicana, que em prosa e em verso tão esquerda se mostra á monarchia, não poupando ás iras dos seus desenhoados hendycasillabos; e a outra uma senhora que, sem occultar a sua filiação, recorre por vezes na imprensa á caridade publica!

Quem havia de dizer ao maestro, quando tão achegado andava á côrte, que este havia de ser o destino da sua descendencia? Diz-se que o coração é propheta. Por acaso o do maestro Casimiro, desvendando futuros, se entenebreceria antecipadamente anteendo a miseria a bater á porta de uma das suas duas filhas, e vendo a outra deixar-se arrastar pelo tufão da politica, e por idéas tão contrarias ás que elle proprio professava?

Quem o poderá dizer?!

L. A. PALMEIRIM.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 16 DO 3.º ANNO)

VI

Era uma vez um Fonseca!

O conselheiro Malaquias fez-se pallido ao ver que era elle. A sua presença ali era significativa, queria evidentemente dizer que accitava o convite que lhe tinham feito d'entrar para o Ministerio.

—Então, já vejo que a sua resposta á boa, disse o Silveira; o senhor que a traz...

—A resposta é que, disse o Fonseca cobrando animo, embora tenha a perfeita consciencia da minha incompetencia para o alto cargo para que me fizeram a honra de se lembrarem de mim, não posso, em attenção aos cavalheiros illustres que tiveram a amabilidade de me convidar, deixar de accetar tão honroso convite.

—Então acceta, não é assim? perguntou para se confirmar o Malaquias, quando o Fonseca, muito pallido e a suar em bica, acabava a sua arenga.

—Acceito, respondeu o Fonseca.

—Bom, então está o ministerio completo, disse o Malaquias, estamos todos aqui e portanto vamos tratar da divisão das pastas e das bases geraes do nosso programma de governo, para ainda hoje ir apresentar á sancção de Sua Magestade a formação do gabinete.

E o conselheiro Malaquias tocando a campainha, para chamar um creado, sentou-se na cadeira que ficava no alto da mesa que estava ao meio da casa, indicando com o gesto aos seus collegas as cadeiras collocadas em redor d'essa mesa.

O creado entrou.

—Feche a porta da casa immediata e agora, venha quem vier, não recebo: ninguem entra aqui sem eu chamar, ordenou o conselheiro Malaquias.

E sahido o creado e fechada a porta, a sessão começou.

Foi demorada e trabalhosa essa sessão, sobretudo por causa do Fonseca que não era facil accommodar em nenhuma pasta.

A que elle queria era a da Fazenda, mas o presidente do conselho repellia com terror essa sua pretensão e queria por força impingil-o para a Marinha, ou então, a arrebrantar, para os Estrangeiros.

Mas Antonina industriara bem o seu amante, recommendara-lhe até á porta:

—Fazenda, vê lá! Não queiras outra, não desças da burra.

E o Fonseca, se bem lh'o tinham dito, melhor o fazia, não queria descer da burra nem á mão de Deus padre.

Ora para a Fazenda o ministro naturalmente indicado era o Sanches, um homem muito lido em finanças e que já occupára por duas vezes essa pasta, sem fazer nada é verdade, mas occupara-a e portanto tinha direitos adquiridos.

E o Sanches tambem não cedia.

Estava convencido a serio, de boa fé, que era um grande financeiro, e não queria outra pasta.

Por fim o Silveira chamou de parte o Fonseca e tentou dissuadi-lo, convencendo-o de que a pasta dos estrangeiros era a que lhe convinha.

—E' uma pasta muito bonita, e para que você está perfeitamente talhado.

—Talhado não sei porque; eu não tenho nenhum conhecimento de negocios diplomaticos.

—Mas tem muito boas salas, uma casa de jantar magnifica, um optimo cosinheiro...

—Mas que tem o meu cosinheiro com a pasta dos estrangeiros? perguntou o Fonseca muito admirado.

—E depois, você sabe receber muito bem em sua casa.

—Sei receber em portuguez, confessou o Fonseca fazendo-se vermelho, mas não sei em francez.

O Silveira olhou-o sem comprehender.

—Não estou apto para fallar com estrangeiros, não sei lingua nenhuma senão a minha e como quer você que eu me entenda com os embaixadores, por mimica, por signaes?

—Tem rasão, tem rasão, concordou logo, suffocado de riso, o Silveira; já aqui não está quem fallou, dou as mãos á palmatoria.

—Eu ainda pensei em tomar agora um mestre...

—Isso não pode ser, sabia-se logo e o que diria a opposição, um homem que entra para o ministerio e ao mesmo tempo para o collegio: que pela manhã tem que responder a uma interpellação e á tarde que responder a uma sabbatina!

—Exactamente, e foi por isso que eu desisti logo.

—E de finanças, você sabe alguma coisa de finanças, aqui para nós? perguntou-lhe muito amigavelmente o Silveira.

—Muito não sei, mas arranho, arranho alguma coisa.

—Sim, sim, isso é o bastante, tem rasão: vou fallar com o Malaquias e isso decide-se já.

E enquanto o Fonseca voltava para a mesa onde os seus collegas estavam discutindo varias combinações, o Silveira chamou de parte o Malaquias.

—Então? o homem decidiu-se? perguntou o presidente do conselho. Você sempre nos metten em boal!

—Elle tem rasão, não pode ter senão a pasta do Fazenda.

—Você está doido! Pois então você quer que vá metter na mão d'esse pateta a pasta mais importante...

—Ora adeus, a pasta mais importante é a do Reino, por causa das eleições.

—Pois sim, mas note que a questão financeira é momentosa...

—Isso não é cá para nós, isso é para o publico. O que nos importamos nós com a questão financeira? Desde o momento que nós arranjos dinheiro enquanto cá estivermos, quem vier atraz feche a porta.

—E você julga que o Fonseca será capaz de arranjar dinheiro?

—Já se vê que é, muito mais que esse tal Sanches, o seu financeiro.

—Mas olhe que o Sanches sabe muito.

—Mas nunca fez nada.

—E' um homem que tem credito no paiz.

—Qual tem credito no paiz, elle nem sequer o tem no teneiro, ao passo que credito tem o Fonseca, é um homem muito conhecido no alto commercio.

—Conhecido de mais, pois o mal é esse, toda a gente sabe quem elle é — um tolo.

—Mas um tolo feliz, que tem augmentado a sua fortuna de uma maneira assombrosa.

—Bom, está dito, concordou por fim o conselheiro Malaquias, lá vae por sua conta, seja ministro da Fazenda o Fonseca, para acabarmos com isto.

—E passe o Sanches para as obras publicas.

—E o Lopes?

—O Lopes para a Marinha, e o Barradas para os estrangeiros, e está prompto tudo.

O conselheiro Malaquias acercou-se outra vez da mesa e apresentou a nova distribuição das pastas.

Houve seus amuos, pequenas discussões, mas o Silveira serviu de apagador, e d'ali a nada o conselheiro Malaquias partiu para o Paço, levando a el-rei a lista do seu ministerio.

E á tarde o *Diario do Governo* deitava supplemento, e os jornaes da noite publicavam a lista official do novo gabinete, que ficara por fim constituido da seguinte forma:

Presidencia e justiça—conselheiro Malaquias.

Reino—conselheiro Silveira.

Guerra—general Lelim.

Fazenda—conselheiro Fonseca.

Estrangeiros—conselheiro Barradas.

Obras publicas—conselheiro Sanches.

Marinha—conselheiro Lopes.

O novo ministerio foi recebido friamente pela opinião publi-



REZANDO

ca, e de todos os novos ministros apenas um foi acolhido com certa sympathia, inspirando confiança ao paiz—o conselheiro Fonseca!

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

NO ALGARVE

II

Villa Real

Adormeceu, coitado! e lá ficou espapaçado no colchão, a ressonar como um abba-de.

No entanto caíam jorros de luz nas aguas do Guadiana, que uma briza do noroeste eriçava de leve, e a natureza em festa convidava-nos a um passeio largo pela margem arenosa.

Vem tu, sympathica rapariga de olhar vago e bom; deixemo-lo dormir prosaicamente e assentemo-nos aqui n'este cabeço de areia movediça e branca. Lá em baixo passa o rio, salpicado de embarcações miudas que ondulam—cysnes gigantes n'um lago de prata. Não chega até nós a algaravia ruidosa dos catraeiros. Não os entenderias. Fallam um *patois* soberbo, mixto pittoresco de hespanhol assassinado e de portuguez medonho, consequencia do contacto constante com os seus collegas andaluzes.

A villa estende-se ahi para o norte, n'essa enorme planicie arida e triste como a alma d'um velho, e apenas para o poente, como que envoltas em nebrinas pardacentas, mal se destacam os perfis de montanhas affastadas, primeiros degraus da serra do Algarve.

Desejarias outras bellezas, pomares, platanos frondosos, como os veneraveis collossos que ha pouco viste nas caldas da Rainha, pinhaes, valles floridos, rebanhos de ovelhinhas mansas descendo encostas alcantiladas, perspectivas variadas que te recordassem os penhascos caprichosos e os montões de verdura que a Pena domina.

Tem paciencia, pequena.

Habitua-te a esta simplicidade ingenua dos nossos campos. Não esperes a reproducção da tua Cintra, onde tens uma villa fidalga, de arruamentos frescos, com flores, com fetos monstros, com lagos mysteriosos, grutas de folhagem humida, e todos os requintes mais ou menos burguezes da arte pautada e monotona. Aqui, a natureza é a mãe de todas as figueiras, e o sol, quando se levanta de manhã, não calça luvas para visitar estufas fidalgas.

Tudo tranquillo e modesto e util. Na primavera as amendoeiras não usam opoponax e as eiras no outono desconhecem o *vo-cencia* dos teus salões. Em compensação assistirás aos bailaricos populares, com bellos descantes ao desafio, ouvirás gargalhadas francas e alegres ao descair da tarde, verás, extasiada, as nossas madrugadas, e escutarás n'um enlevo o toque pausado das Ave-Marias, echoando por essas planicies fóra. E o teu olhar humedecer-se-ha um quasi nada, e a tua alma sentir-se-ha invadir por todo o encanto d'esse ambiente puro de crenças boas que tu perdeste por ventura e que te farão iuvejar a campesina rude e simples.

Mas olhemos em torno de nós. Mais tarde seguiremos para diante.

Agora, e enquanto dorme o meu companheiro de viagem, folheemos rapidamente a historia recente d'esta parte sul da provincia.

Na ultima parte do seculo passado existia, aqui pelo poente, mesmo á beira do oceano, seguindo a costa, uma povoação de pescadores. De tal forma se desenvolveu a pesca e eram taes os proventos da sua industria, que a essa agglomeração de cabanas foi dado o nome de *Monte de Ouro*. Carregamentos completos de sardinha saíam para os diferentes pontos d'esta parte da península, e de anno para anno vinham novos colonos engrossar a população nascente.

Ao passo que a aldeia tendia a crescer e a desenvolver-se, esta margem do Guadiana continuava deserta. Foi então que o marquez de Pombal, em seguida ao terremoto de 1755, prevendo o papel importante que este porto, o melhor da provincia, desempenharia no futuro, concebeu o projecto de fundar uma nova povoação, junto da foz, ponto a que deveriam convergir todos os ramos do commercio, pela facilidade de communicações que necessariamente se estabeleceriam com o estrangeiro.

Edificada a villa, o marquez de Pombal intimou os habitantes de Monte de Ouro, hoje Monte Gordo, para que viessem povoar a nova terra, dando-lhes certas garantias, taes como as de vivendas com fôros pequenos.

Foi um erro. Esses homens rudes, refractarios a todas as idéas de progresso e civilização, vendo os inconvenientes que lhes traria a mudança de residencia d'aquelle local, o mais adequado á sua industria, para a beira do Guadiana, recusaram-se a

obedecer, e grande numero d'elles partiu para a margem esquerda, indo fundar outra povoação na *Isla Cristina*, ou *Higuerita*, hoje florescente e rica villa maritima. Com a partida d'esses colonos, o nosso thesouro, que auferia uma receita consideravel, resultante dos impostos de pesca, perdeu quasi todos esses proventos importantes, vendo derivar a sua corrente para os cofres hespanhoes, sem que se lhe podesse oppôr um dique.

Anos depois restavam apenas no local abandonado algumas palhoças habitadas pelos restos d'essa colonia nómada que levantára arraiaes.

Accorreram, porém, de diversos pontos, outros colonos que se fixaram na recente Villa Real, cuja existencia se arrastou mesquinha, pobre e ignorada durante toda a primeira metade do nosso seculo.

Só em 1860 (?) principiou um sópro de vida a circular-lhe nas veias.

Um engenheiro, um investigador descobria por essa epoca os jazigos de minerio em S. Domingos, encetava-se a exploração d'esses depositos naturaes, e assomavam á barra pela primeira vez navios de alto bordo fretados para a exportação d'esse mineral, que faz progredir o commercio e a industria, estacionarios até então.

Com o volver dos annos surgiram novas edificações em torno da villa, talharam-se hortejos, cresceram os elementos da industria piscatoria, crearam-se *ship-chandlers*, estreitaram-se relações com outros paizes, abriram-se estabelecimentos, mercearias, armazens, escolas, sociedades cooperativas, e a instrucção espalhou-se pouco o pouco no meio d'essa agremiação de raças differentes, em que predominava o elemento hespanhol.

Hoje encontra-se ali grande numero de fabricas de pescarias de conserva, exportadas em larga escala para a Italia, fabricas de tecidos, de aguardente; e ultimamente procede-se á construcção d'um gazometro, empresa dirigida por John Clark.

Villa Real é já o primeiro porto da provincia e tende a alargar-se e a progredir dia a dia.

Deixaram-me só: elle ficou dormindo no *Campão*: ella, folheando este esboço de historia, bocejou e partiu.

O disco vermelho do sol afundara-se ao longe nas areias desertas.

Entretanto, eu assistia em silencio a exposições de *platiq-ues* locais, fixando absorto a estrella de tarde e escutando com saudade o murmurar debil do rio que passava, como passaram crenças e risos—chorando.

LORJÓ TAVARES.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. LOURENÇO D'ALMEIDA AZEVEDO

Damos hoje o retrato do sabio professor da faculdade de Medicina da Universidade, digno par do reino, vogal da Junta de Saude publica do reino e presidente da camara municipal de Coimbra. Todas estas dignidades correspondem a conquistas de trabalho: o logar de lente do primeiro estabelecimento scientifico do paiz conquistou-o como estudante distinctissimo, entre os que o foram mais no seu tempo; a entrada na camara alta alcançou-a pela cathogoria da lei e pelos relevantes serviços, desinteressados e leaes, prestados ao partido regenerador, a quem nobilita e honra; para a Junta de Saude, onde se ouve o conselho dos experientes, foi naturalmente indigitado, como sendo o clinico de mais fama de Portugal; ao municipio de Coimbra preside, ha largos annos, triumphando contra todas as opposições reunidas em 1877, porque aquella formosa cidade o respeita e adora, querendo-lhe como se fuisse o mais illustre dos seus filhos.

Por tudo isto, o retrato que hoje damos é uma homenagem prestada ao verdadeiro merito; nunca prestamos nenhuma que fosse mais devida pela justiça que é obrigação fazer aos caracteres immaculados e aos talentos de primeira grandeza.

O CABO NORTE

O cabo Norte é uma grande massa de rochedos brancos e d'aspecto phantastico, que entra pelo mar dentro, cortando as vagas espumantes e alterosas do Oceano glacial Artico.

No cabo Norte ha um penedo a que chamam o *Frade*; perto d'este, existe um grupo d'ilhotas, em que os marinheiros julgam ver uma *Mãe rodeada das suas filhas*. Contempladas atravez dos nevoeiros, todas estas massas de pedra tomam aspectos sinistros, que apavoram os pescadores de bacalhau, geralmente supersticiosos e cheios de credices infantis.

NO APRISCO

A nossa gravura faz-nos lembrar um conhecidissimo quadro allemão, uma illustração do formoso *Werther* de Goethe, representando Carlota dando fatias de pão com manteiga a seus irmãos, n'aquelle momento em que *Werther* apparece á porta, e é ferido pelo *coup de foudre*, em que falla *Stendhal*.

Effectivamente, entre as ovelhas e a pastora ha o que quer que seja dos laços de familia.

A pastora é a irmã mais velha das suas ovelhas.

Entendem-se muito bem, muito melhor que alguns irmãos que ha por ahi, amam-se sinceramente, as alegrias de uma são as alegrias das outras, as tristezas são-lhes tambem communs.

Na nossa gravura ha, sobre tudo, tres figuras que nos encantam. São aquelles dois cabritinhos que estão afastados das ovelhas grandes, no primeiro plano do quadro, ao lado um do outro, presos por essa grande attracção da infancia, e aquella pequenita que, assentada ao pé da mãe, se deixa vencer pela mesma lei sympathica, e tendo ao pé de si um monte de bellas ovelhas comendo nas mãos de sua mãe, só fita os olhos n'aquellas duas cabrinhas pequenas, que brincam, emquanto as grandes, mais sérias, mais positivas, mais conhecedoras do mundo, vão comendo.

Ao fundo, sobre a mangedoura, vôam os passaros brancos, os hospedes do aprisco, emquanto á direita uma ave muito mais socegada, muito mais pacata, dormita empoleirada, com uns ares imbecis de papagaio, que no fim de tudo não é.

A gravura é magnifica, as ovelhas teem vida nas suas poses, intelligeucia nos seus olhares. Pode-se dizer que só lhes falta fallar, mas isso tambem lhes falta fóra da gravura, e ninguem se lembrou ainda de accusar Deus por essa falta.

REZANDO

Porque é que ella reza, tão triste, com as pupillas d'aquelles belles olhos immoveis, com uma lagrima a deslizar-lhe mansamente, suavemente, pela face pallida e macerada? Não o sabemos dizer ao certo. O que é fóra de duvida é que está formosissima assim e que, se em vez de dirigir a sua prece para o Ceu, baixasse os olhos até nós, n'uma supplica fervorosa por entre lagrimas, não saberiamos nem poderiamos recusar-lhe os maiores sacrificios.

Imagina-se lá o poder que uma mulher exerce sobre as almas boas, quando chora!...

ARCO GRANDE, EM LISBOA

A nossa estampa representa o Arco grande, visto da rua do Corpo Santo, em Lisboa.

Essa pesada construcção é obra do marquez de Pombal, mas apesar da grande massa de cantaria que allí se vê, não deixa de ser elegante.

O Arco grande é, bem como o arco pequeno, o prolongamento da rua do Alecrim.

Foi no 1.º andar do predio que fica á esquerda que teve lugar o triste drama em que o desgraçado Mattos Lobo tomou o papel principal.

Morreram ali quatro pessoas ás mãos de um infeliz a quem o ciume fizera perder a cabeça e que pagou no patibulo o crime de um momento de alucinação.

UNICA

Tu é que me acalentas no teu seio
e que me fazes muita vez sonhar.
Sonhar! Sonho d'amor, sagrado veio
que corre ao coração para o lavar.

Tu é que me conduzes para andar
d'imaginarios mundos pelo meio,
e que escreves ás noites, ao luar,
doces mentiras que a sorrir eu leio.

O' luz intima, alegre e carinhosa,
que me embalas em nuvens feitas doiro,
sê minha companheira toda a vida.

Inestimavel joia preciosa,
és para mim um limpido thesoiro,
ó Phantasia, ó minha estremecida!

J. LEMOS.

LILI

Um casal de pintasilgos, em plena lua de mel, tinha vindo estabelecer-se na decrepita carvalheira que estendia os ramos collossaes, tentaculos immensos de *pieuvre* gigante, até junto da janella do quarto de Lili, a mais formosa creanca que o olhar humano até hoje tem logrado contemplar. A pequenita, ao levantar-se uma manhã da cama, bateu as palmas de alegria quando descobriu as avesinhas afadigando-se na construcção do ninho, fófo berço onde deviam ser emballados os doces penhores do seu mutuo affecto.

Logo que o macho chegava, cançado, transportando uma pena mais pesada, ou um grande tufo de musgo, a femea, estremeendo em electricas commoções, acariciava-o, beijava-o ternamente, animando-o com a melodia do seu terno garrular, e incitando-o com a fervida alegria d'uma recepção estremosa.

Era uma continua harmonia, um delicioso *ménage* onde só reinava o amor e a paz.

Lili quedava-se absorta ante tanta felicidade. Tinha inveja dos passaritos, e, atirando desdenhosamente para longe as bonecas, que lhe não retribuiam as caricias, desejava tambem ter um pequenino marido, que a amimasse, que a beijasse com amor, e todo o dia estivesse a seus pés, satisfazendo-lhe os menores desejos, os menores caprichos infantis, como via fazer ao pintasilgo da carvalheira.

Ao jantar, enchendo-se de ousadia, na fixidez da sua ideia, perguntou á *mamã* quando é que poderia casar. A pergunta da pequenita foi recebida com gargalhadas, e o pae, ameigando-a sorridente, respondeu-lhe que em breve, pois já lhe tinha encomendado para França um maridinho. Lili, de tarde, fechou-se no quarto e, sósinha, sem fazer bulha, nem o menor movimento, esteve horas seguidas examinando curiosamente o viver dos passaritos, que tinham acabado de construir o ninho.

Queria instruir-se, saber como devia receber e tratar o pequenino marido que estava em viagem...

Mas, cançada da immobilidade a que se condemnara, e emballada pela morna suavidade do crepusculo, Lili adormeceu debruçada no peitoril da janella, e sonhou que o maridinho chegara, e que andavam construindo um ninho onde ambos, muito chegadinhos um ao outro, passariam o tempo contemplando-se no seu eterno e mutuo amor. Um desusado chilrear doloroso, um bater d'azas e um intenso ramalhar na folhagem acordaram, porém, a pequenita.

O pintasilgo afugentava a companheira ás bicadas, soltando silvos roucos, e agitando furiosamente as azas.

E depois, emquanto a repudiada esposa ficava soltando amargurados queixumes n'um dos altos ramos da arvore, o pintasilgo vinha commodamente repotrear-se no ninho, em companhia de uma intrusa *coquette*, que completamente o allucinara, fazendo-lhe esquecer e abandonar o seu primeiro e casto amor.

A pequenita, que assistira a esta scena brutal com o coração confrangido, retirou-se da janella chorando, e foi cahir nos braços do pae, pedindo-lhe, entre lagrimas, que sustivesse a remessa do marido, pois já o não queria, já não desejava casar-se.

E Lili, desde esse dia, não mais tornou a fallar em casamento...

EDUARDO SEQUEIRA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EM VERSO

(A Francisco Martins Franco)

Vê lá bem, com attenção,
Tu, que és fino e perspicaz,
Se serás hoje capaz
De dar co'a decifração:

Sendo a ultima trocada,
Vês meio de conducção.—2
E afinal, interjeição
Aqui será encontrada.—1

No todo d'esta charada
Vês de creanças brincado,
Palavrinha, 'stou com medo
Que ella seja decifrada.

Logogrifos

(Por letras)

Uns dizem que é *nodoa*.—1, 8, 4, 6, 5
 Outros, pavimento.—3, 5, 7, 8, 5
 E eu creio que é *ave*.—3, 2, 3, 8, 5
 Ou divertimento.—4, 8, 2, 1, 6

Um caso tão triste.—5, 4, 2, 7, 5
 Causa sensação.—4, 5, 8, 7, 5
 Magôa bastante.—4, 5, 1, 6, 5
 Faz muita impressão.—8, 4, 8, 1, 5

Cré que é collecção.—8, 7, 1, 8, 3
 E também tecido.—4, 8, 6, 7, 8



ARCO GRANDE, EM LISBOA

Sendo nome proprio.—6, 1, 2, 3, 8
 E homem instruido.—3, 8, 4, 2, 5

Dá commodidade.—1, 6, 2, 7, 5.
 Serve p'ra limpeza.—3, 8, 4, 8, 5
 Cidade acharás.—3, 5, 1, 6, 3
 No mar, com certeza.—4, 8, 7, 6, 1

Se juntas um osso.—7, 2, 4, 2, 8
 A este vegetal, 8, 4, 6, 7, 5
 Talvez te dé quadra.—6, 3, 7, 2, 5
 Ou um animal.—4, 6, 3, 7, 8

O todo, leitor,
 Ha em Portugal,
 E em mor fartura
 Cá na capital.

(Por syllabas)

A primeira, no relógio
 E também no tribunal;—1
 A segunda deve dar,
 Creio eu, um animal.—2

Na poetica Veneza
 Tem muito merecimento,
 Nós também apreciamos
 Tão bello divertimento.

MATHEUS JUNIOR.

(Por letras)

Nos rios se pôde ver.—8, 9, 5, 7, 2
 Fonte de muita riqueza.—1, 8, 9, 4
 Se um abutre já tiver.—4, 3, 3, 8, 2, 9, 10
 Da agua tal natureza.—2, 6, 7, 10, 5, 10

Se no restaurant
 O fôr procurar,
 E' entre bebidas
 Que o deve encontrar.

Castello Branco

A. MERUJE

Enigma

(Ao distincto charadista viziense, Pequeno Antoninho)

Bem pôde minha primeira,
 A côr da segunda ter...
 «Pois se o todo na primeira
 Com certeza se vae ver!»

Porto.

NARCISO D'ALBUQUERQUE.

Problema

Dividir qualquer mutiplo de 101 por este numero, fazendo apenas uma subtracção.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—

Ma ca
 chu
 cho cho

DA PERGUNTA ENIGMATICA.—Espadim—(moeda)
 DA CARTA ENIGMATICA.—Alexandre Herculano

A RIR

Entre amigos:

—Quem paga as suas dividas, enriquece.
 —Isso não passa d'um boato espalhado pelos credores!

*

A idade das mulheres.

Madame X... pretende passar por muito joven, apesar dos seus quarenta annos.

Fallava-se, diante d'ella, d'uma outra dama que tem a mesma pretensão.

—Não posso levar à paciencia que aquella presumida se inculque mais nova do que eu—diz madame X...—contando, seguramente, mais dez annos!

—V. Ex.^a tem a certeza d'isso?

—Ora, se tenho! Pois se eu via-a nascer!

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA CONSERVAR A BRANCURA DAS MAOS

Recommendamos às nossas leitoras o seguinte processo para conservar a brancura das mãos:

Dissolva-se 100 grammas d'oleo d'amendoas, e junte-se-lhe 200 grammas d'agua de Co'lonia: unte-se com este preparado a parte interior d'um par de luvas, que se calçam todas as noites, ao deitar, e as mãos conservarão sempre uma alvura immaculada.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria